

**Quem faz revolução? Discursos sobre juventude na Ação Popular e Ação Libertadora Nacional durante a ditadura.**

LIDIA SCHNEIDER BRISTOT\*

Os estudos, o imaginário e a memória da ditadura civil-militar<sup>1</sup> no Brasil são povoados de discursos de resistência e revolução que trazem à tona imagens de juventude: jovens rebeldes nas passeatas de 1968, jovens comprometidos com a revolução na luta armada, jovens revolucionando costumes e as artes na Tropicália. Nas palavras de Iara Xavier Pereira, militante da Ação Libertadora Nacional<sup>2</sup> “nós fomos a geração que optou por enfrentar o regime militar em um momento em que isso era absolutamente necessário. Nós não éramos nem loucos nem terroristas sanguinários. Éramos jovens comprometidos com um ideal.” (CARVALHO, 1998:297). Este é um exemplo entre muitos, mas apesar da quantidade dessas imagens, são poucos ainda os trabalhos históricos que problematizam a juventude desse período.

Este trabalho é fruto de reflexões iniciais que venho desenvolvendo em minha pesquisa de mestrado sobre os papéis da juventude em grupos de esquerda. Procuro aqui iniciar as discussões para a análise dos discursos de grupos de esquerda revolucionária sobre a juventude, pois se o discurso é uma prática que constrói relações de poder e sujeitos, os discursos dos grupos de esquerda e seus militantes ajudaram a construir uma ideia de juventude que ainda hoje é mobilizada pelos mais diversos meios. Partindo da definição elaborada por Michel Foucault (1996:10), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar”. Ao analisar os discursos enquanto práticas construídas por esses grupos pode-se compreender melhor os significados que as juventudes tiveram naquele período, não para desvendar a “universalidade de um sentido”, mas para perceber os jogos de

---

\*

Mestranda no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, bolsista CNPq. E-mail: lidiabristot@gmail.com

- 1 Compartilho da ideia defendida pelo historiador Daniel Aarão Reis, entre outros, de que a ditadura deve ser entendida enquanto militar e civil, uma vez que importantes parcelas da sociedade civil foram apoiadoras do golpe, participando e se beneficiando do período de regime militar. Faço a escolha política de utilizar o termo ditadura civil-militar pois acredito ser importante que essa participação não seja esquecida ou invisibilizada. Apesar disso deixo claro, ao manter o termo militar, a importância e a grande característica da participação e protagonismo das forças militares nos regimes de exceção em todo o Cone Sul.
- 2 Ação Libertadora Nacional, ALN, surgiu de uma dissidência paulista do PCB, em 1967, e defendia a luta de libertação nacional através da luta armada revolucionária.



poder na construção de múltiplos sentidos.

## Juventudes

Entretanto, uma pergunta inicial se faz quando se propõe pesquisar essa temática. O que é juventude? O que é ser jovem? Não pretendo aqui propor uma resposta fechada, mas trazer elementos que possam auxiliar na compreensão das juventudes e jovens que busco analisar. As dificuldades na conceitualização do que é ser jovem, do que seja uma juventude e ainda mais, da pertinência desse conceito para os estudos históricos é grande. Minha primeira incursão começou também pelo discurso: juventude, no dicionário Aurélio (FERREIRA, 2004:500), possui dois significados, 1. idade moça e 2. gente moça. Significado esse muito pertinente, pois permite pensar que o sentido pode estar na articulação entre esses dois termos. A juventude é um período da vida, está relacionada com um tempo específico e finito e com uma certa idade, mas, além disso, ela pode construir um sujeito, uma “gente” que se identifica. Dessa maneira, a articulação da juventude envolve um tempo em que as pessoas compartilham uma identificação.

Bourdieu e Passeron afirmaram que “sem dúvida os estudantes vivem, e o sabem, num tempo e num espaço originais” (BRITTO, 1968, IV:61). Acredito que apesar dessa afirmação ser de uma análise sobre o mundo estudantil, ela me permite pensar a originalidade desse tempo transitório da juventude. Não é a toa que esse artigo dos sociólogos franceses foi publicado no Brasil em 1968, em uma coletânea chamada *Sociologia da Juventude*<sup>3</sup>. A coletânea demonstra a emergência que o termo vinha tendo no Brasil e no mundo durante aquela década e procurava ser um “esforço renovador” que buscava elementos para discutir dentro das ciências humanas e sociais um tema que se tornava central para a sociedade brasileira a partir daquele momento.

De acordo com a historiadora Cynthia Campos (2013:1) as análises sociológicas da juventude nesse momento tentavam dar conta de explicar e entender os comportamentos jovens principalmente ligados à violência e a rebeldia, numa época em que esses sujeitos apareciam na cena política enquanto agentes, participantes em protestos, e atuações diversas contra a ditadura militar. Focando em uma análise histórica, acredito que para entender o conceito de juventude é necessário pensar o contexto de sua construção e emergência. A historiadora Luisa Passerini, ao discutir sobre o discurso referente aos jovens na Itália fascista

---

3

Coletânea organizada por Sulamita de Britto em quatro volumes, com textos de autores estadunidenses, alemães, franceses e ingleses, publicada pela editora Zahar em 1968 no Rio de Janeiro. Volumes divididos em 1. Da Europa de Marx à América Latina de hoje; 2. Para uma sociologia diferencial; 3. A vida coletiva juvenil; 4. Os movimentos juvenis.

e na década de 1950 nos Estados Unidos faz algumas reflexões sobre as imagens simbólicas da juventude. Sua análise auxilia a pensar os significados possíveis que a juventude tem ao longo do século XX:

O jovem como conceito simbólico revela-se o concentrado das angústias da sociedade – do desemprego ao sentido de inutilidade da vida –, mas torna-se também o modelo de futuro, portanto, ameaça e esperança. Acentua-se a sua fragilidade, enquanto depositário de valores que a sociedade não soube realizar e que o colocam numa posição de fronteira e de crítica, mais ou menos egoísta, da existência. Os jovens de carne e osso introjetam essas imagens, com um processo iniciado no período entre as duas guerras e levado a cabo no segundo pós-guerra. Na década de 1950, será acentuada insistência sobre o tema do desvio, como loucura da utopia representada pelos jovens e degeneração do mal social que está neles. Na década de 1960, irá prevalecer o elemento otimista, a representação de um novo universalismo, dos novos sujeitos capazes de redesenhar o mundo segundo critérios de liberdade e justiça. (PASSERINI, 1996:351)

O simbolismo que Passerini percebe na construção das imagens de jovens envolve outros aspectos, como o processo de modernização das sociedades a partir da década de 1950. O aumento de uma cultura juvenil específica significava uma mudança profunda entre as gerações: que ficou cada vez mais clara e forte entre os anos de 1960 e 1970 e se tornou um agente social independente (HOBSBAWM, 1995:317). O autor também aponta para a importância do crescimento do ensino superior. Essa questão é importante também para no Brasil, onde apesar de a primeira universidade do país ter sido criada em 1920, é principalmente durante a década de 1950 que as universidades são criadas por todo o país através da reunião dessas faculdades e criação de mais cursos superiores. Em 1945 havia 27.253 estudantes universitários no Brasil; no início de 1964, esse número saltou para 142.386. (MARTINS FILHO, 2007:187)

Apesar das diferenças existentes entre juventude e estudantes – nem todos os jovens são estudantes, nem todo estudante é jovem – há uma significativa relação entre estas duas questões. Muitos dos trabalhos sobre juventude se voltam para o movimento estudantil, e muitos dos discursos do movimento estudantil são pautados por ideias de juventude, por discursos que buscam gerar identificações entre estudantes através de uma juventude

compartilhada. Isso é especialmente significativo no Brasil, onde o movimento estudantil foi um importante agente social contra a ditadura. Mas a juventude, durante as décadas de 1960 e 1970, não será mobilizada apenas enquanto movimento estudantil, ela está presente nas grandes manifestações de 1968, tem papel central na revolução cultural dos anos 1960 e 1970 e no alcance de movimentos de contracultura. (ALMEIDA; WEIS, 1998)

### **Novas esquerdas, jovens revolucionários**

No entanto, quero me ater às mobilizações da chamada nova esquerda, onde a grande maioria dos integrantes possuíam menos de 30 anos de idade: segundo dados coletados do Brasil Nunca Mais, 51,76% dos processados por serem simpatizantes ou militantes de organizações de esquerda armada tinham menos de 25 anos de idade. Se elevarmos esse número até 30 anos, a porcentagem sobe para 75,33%. (RIDENTI, 1993:118) Esses dados demonstram a importância das pessoas jovens para esses novos grupos de esquerda.

A partir da década de 1960 se viu eclodir uma contestação internacional ao modelo e práticas dos tradicionais partidos de esquerda, que se mostravam incapazes de dar conta das contradições das sociedades contemporâneas. Claro que essa contestação se desenvolveu sob diferentes perspectivas e condições em cada contexto, uma vez que cada país, organização e grupo social viveu esse momento de forma diferente. Porém são muitos os acontecimentos gerais que influenciaram essa mudança nas esquerdas, desde o relatório Kruschov, as guerras anti-coloniais, e as revoluções em Cuba e China. A formação de grupos e organizações de esquerda críticos e dissidentes dos partidos comunistas e socialistas tradicionais se deu na Europa, Estados Unidos e América Latina. E mais importante: eram formados sobretudo por jovens, que buscavam uma esquerda com novas práticas e valores (ARAUJO, 2008).

Nas vivências e discursos da juventude de esquerda desse período, é recorrente a construção de imagens de pessoas enquanto símbolos de determinados valores e perspectivas políticas. Um dos exemplos mais importantes nesse contexto foi Ernesto Che Guevara, que tornou-se referência principal de figura revolucionária para essa nova esquerda e foi bastante lido pelos militantes de diversas organizações revolucionárias. Sua trajetória, de estudante de medicina a guerrilheiro vitorioso foi exemplo para milhares de jovens. Suas ideias, que podiam ser entendidas como um socialismo humanista, e a vitoriosa Revolução Cubana mostravam que existiam outros caminhos a serem trilhados para a superação da sociedade capitalista (LÖWY, 1969). “Hay que endurecer sin perder la ternura” e a recusa a se manter

em postos burocráticos do poder estatal em Cuba demonstravam a chama do verdadeiro revolucionário, daquele que não se acomoda, que possui um espírito livre e ativo para continuar no caminho da revolução. Che Guevara pensou também a importância da juventude nesse processo:

[o jovem deve ter] uma grande sensibilidade ante todos os problemas, grande sensibilidade face à injustiça. Espírito inconformado cada vez que surge algo que está mal, tenha-o dito quem o disser. Pôr em questão tudo o que não se entenda. Discutir e pedir esclarecimentos do que não estiver claro. Declarar a guerra ao formalismo, a todos os tipos de formalismo. Estar sempre aberto para receber as novas experiências, para conformar a grande experiência da humanidade, que leva muitos anos a avançar pela senda do socialismo, (...). Ser um exemplo vivo, ser o espelho onde possam olhar-se os homens e mulheres de idade mais avançada que perderam certo entusiasmo juvenil, que perderam a fé na vida e que ante o estímulo do exemplo reagem sempre bem. Eis outra tarefa dos jovens comunistas. (GUEVARA, 1962)

É possível perceber nesta fala, fragmento de um discurso proferido em um encontro de organizações juvenis em Havana, diversas construções de sentido do que deve ser um jovem – um jovem comunista. É um discurso que, utilizando das ideias de Passerini, trás o simbolismo do que se espera dos jovens e do futuro; simbolismo este que funciona ao utilizar um discurso que transmite características compartilhadas por esses jovens: espírito inconformado, sensibilidade, guerra ao formalismo, entusiasmo. Dessa maneira as/os jovens que se viam enquanto revolucionários encontravam no discurso de Che uma importância específica da juventude na “dever de fazer a revolução”.<sup>4</sup>

Entretanto, é importante perceber que as diferenças entre discursos sobre jovens e discursos de jovens. Che Guevara, independente da idade, visivelmente demonstra em seu discurso não se sentir identificado enquanto um “jovem comunista”, seu discurso é para e sobre os jovens. Isso me leva a algumas inquietações na pesquisa que venho realizando: essas sujeitos se identificam enquanto jovens?

Das barricadas do Quartier Latin, em Paris, às avenidas de Roma; de Ancara,

---

4 Pensando para isso a importância da afirmativa “o dever de todo revolucionário é fazer a revolução” nos diferentes grupos de esquerda revolucionária da América Latina. Frase com a qual, inclusive, se termina a Declaração Geral da Primeira Conferência Latinoamericana de Solidariedade, realizada pela Organización Latinoamericana de Solidaridad (OLAS) em 1967 em Havana. Essa conferência contou com organizações de esquerda de toda a América Latina e trouxe como defesa a luta armada para alcançar a revolução necessária.

na Turquia, à Londres aristocrática; dos Estados Unidos capitalista à Iugoslávia socialista; de Tóquio, no Oriente, a Berlim Ocidental; da China Popular ao Calabouço na Guanabara; de Leste a Oeste, dos países desenvolvidos aos povos oprimidos do Terceiro Mundo, a juventude contemporânea alcança sua unidade política e sua expressão histórica na luta por uma ordem sócio-econômica mais humana, por uma mais equitativa distribuição de riquezas e oportunidades, pela preservação da Democracia e da Paz. (LISBÔA, 1968)

Este é o início de um manifesto do movimento estudantil gaúcho<sup>5</sup>, escrito em junho de 1968 por Luiz Eurico Tejera Lisbôa, na época com 20 anos e membro da diretoria União Gaúcha dos Estudantes Secundaristas, quando também participava de um dos primeiros grupos de esquerda armada do Rio Grande do Sul, o Movimento Revolucionário 21 de abril, no ano seguinte integrando-se à ALN. Percebe-se então que existia uma ideia de *unidade* em relação a como essa juventude se compreendia, um sentimento de pertencimento a uma geração, como Iara Xavier afirma em seu depoimento. Esse “espírito da época” que foi partilhado pelos jovens em seu ápice em 1968, tem sua identidade partilhada não só pela idade, mas pela opção política que defendem. A identificação está em lutarem juntos por um novo mundo, onde, como afirma Che, o entusiasmo dos jovens é uma questão importante para gerar as transformações. Discurso este presente em outros documentos, como a declaração do Movimento Contra a Ditadura<sup>6</sup>, grupo organizado pela Ação Popular<sup>7</sup> em conjunto com a União Nacional dos Estudantes em 1966.

A Juventude é por sua própria natureza contra a opressão. Tôdas as formas de opressão e dominação. Lutar pela democracia e trabalhar pela construção de

---

5 UNIÃO GAÚCHA DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS. Resoluções Políticas Do Movimento Estudantil Gaúcho – Suplemento. I Encontro Estadual de Grêmios Estudantis. 21-23 junho 1968. In: LISBÔA, Luiz Eurico Tejera. *Condições ideais para o amor*: poemas, manifestos e correspondências de um poeta-guerrilheiro. Porto Alegre: Sulina, 2ª ed., 1999. p. 111.

6 MOVIMENTO CONTRA A DITADURA. U.N.E, Brasil, 1966. Documento anexo ao Processo 015 contra a Ação Popular (AP), Brasil Nunca Mais.

7

Ação Popular (AP) é um desdobramento do processo iniciado dentro da JUC (Juventude Universitária Cristã) no final dos anos 1950, onde militantes católicos se envolveram cada vez mais com uma corrente de esquerda que propunha mudanças sociais. A JUC e a AP tiveram muita entrada no movimento estudantil da década de 1960 em todo o país, e foram conhecidos também como “Terceira Força” pois propunham uma terceira via entre o comunismo ateu da União Soviética e o capitalismo, que seria um socialismo humanitário e cristão. Sobre a AP ver CIAMBARELLA, Alessandra. *Do cristianismo ao maoísmo: a história da Ação Popular*. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Orgs.). *Revolução e democracia: 1964-....* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (Coleção As Esquerdas no Brasil, 3).

uma sociedade cada vez mais justa: esta é a missão da Juventude. No exercício dessa missão histórica, ninguém poderá deter ou conseguirá amordaçar a sua voz. (MDC, 1966)

Ao analisar os documentos de ambas as organizações, ALN e AP, percebe-se algumas diferenças no papel que a juventude tem para ambos os grupos. Os documentos da Ação Popular não apontam para uma importância da juventude para a revolução, a aliança defendida para a revolução seria a dos camponeses, proletários e intelectuais revolucionários. Há poucas referências a jovens, e os estudantes aparecem como um dos setores importantes para o processo revolucionário, mas sem ater a questões de juventude, estes teriam um papel essencial dentro do grupo dos intelectuais revolucionários.

Já Carlos Marighella<sup>8</sup>, um dos fundadores da ALN, em seu mini-manual do guerrilheiro urbano, aponta para a importância dos estudantes no processo revolucionário.

Os estudantes se destacam por ser politicamente cruéis e rudes e por tanto rompem todas as regras. Quando são integrados na guerrilha urbana, como esta ocorrendo agora em grande escala, ensinam um talento especial para a violência revolucionária e pronto adquirem um alto nível de destreza político-técnico-militar. Os estudantes tem bastante tempo livre em suas mãos porque são sistematicamente separados, suspensos e expulsos da escola pela ditadura e assim começam a usar seu tempo vantajosamente a favor de a revolução. (MARIGHELLA, 1969:39)

Apesar de do relato ser também sobre estudantes, os discursos estão em consonância com o que declarava a sociologia do período, que via a juventude enquanto um momento especial de “liberdade”. A condição da juventude é a de uma vivência marcada por um tempo específico, em que não se tem mais os limites impostos pela família na infância, nem as obrigações da vida adulta no mercado de trabalho. Uma contradição que de acordo com Janice Souza (1999:25-26) faz do jovem um “elo” necessário entre passado e presente, fazendo da transitoriedade da vida jovem um importante elemento de constituição desses sujeitos.

---

8

Carlos Marighella era membro do Partido Comunista e se desligou do PCB em 1967, a partir do contexto das críticas que a nova esquerda tinha para com os partidos tradicionais, considerados pacifistas, imobilistas e ineficientes. Fundou sua própria organização, um dos mais maiores e mais conhecidos grupos de esquerda armada do país, a Ação Libertadora Nacional, ALN, que como o nome já aponta, reafirmava a supremacia da ação para realizar a revolução.



“juventude, desta forma, é uma relação social que o jovem vivencia.” Essa relação social então é marcada por esse espaço maior de possibilidade de atuação, por não estar completamente inteirado com o sistema capitalista burguês de manutenção de trabalho e família e ao mesmo tempo uma emancipação em relação aos limites impostos pela infância.

Percebe-se então, assim como no discurso de Che, a reafirmação de características tidas juvenis, como “romper as regras”. A radicalidade vista nos estudantes é uma radicalidade em consonância com o que se espera – ou teme – das/dos jovens. Além disso, muitos textos da ALN também citam os jovens e a juventude como pontos principais para a articulação da luta armada no país, no documento de fundação da organização está escrito que:

No que diz respeito a transformar a guerrilha em embrião do exército revolucionário de libertação, não conseguiremos se não contarmos desde o início com um núcleo armado de operários e camponeses. Fruto da aliança revolucionária operário-camponesa, a este núcleo básico é necessário juntar o movimento estudantil e as demais forças interessadas na revolução. Dentro desta ordem de ideias o GUERRILHEIRO incentivará o trabalho revolucionário com o proletariado e os camponeses bem com os estudantes e intelectualidade, a juventude, as mulheres e outras camadas da população. (O GUERRILHEIRO, n.1, 1968)

Nesse trecho do jornal O Guerrilheiro, ao explicar como deve ser formado os grupos armados no país, é citado a juventude, aparte dos estudantes e intelectualidade. Além disso todos os textos da ALN que analisei mostram juventude ou jovens e mulheres aproximados, como peças de suporte aos principais atores da revolução. Obviamente isso tem haver com as próprias concepções de processo revolucionário nas teorias marxistas que esses grupos de esquerda acreditavam, as quais davam importância aos principais grupos oprimidos na sociedade capitalista: proletários e camponeses. No entanto, ao analisar a mesma questão nos documentos da AP, percebe-se a opção pelo silêncio tanto em relação aos jovens quanto às mulheres, apesar da organização ter uma grande inserção no movimento estudantil, por exemplo.

### **Subjetividades: jovens rebeldes ou revolucionários?**

Por último gostaria de pontuar uma questão que me parece muito rica para analisar, que é as construções de subjetividades e comportamentos esperados para jovens envolvidos

revolucionariamente. São múltiplas as construções de subjetividades, mas é possível perceber como o trabalho do discurso forma sujeitos que se identificam enquanto jovens revolucionários. Essas questões aparecem mais em fontes menos “objetivas” como entrevistas, cartas e poemas de militantes. Aponta-se para uma relação onde certos comportamentos tidos como “naturais” aos jovens são contrários aos esperados de um revolucionário, como a inconsequência, a imaturidade, a irresponsabilidade. Algumas vezes os jovens comprometidos aceitam uma disciplina desses comportamentos em prol da revolução. Na poesia de Luiz Eurico Tejera Lisbôa:

III  
 O povo está impaciente,  
 guerreiros,  
 As crianças já não cantam  
 Os jovens não mais se consomem  
 no amor  
 e os anciãos só esperam viver  
 até o grande momento.

Poupam suas forças  
 para a luta fundamental.

Guerreiros!  
 A História prepara um passo decisivo  
 O Espírito de Spartacus  
 ronda nosso tempo  
 Que ele se encarne  
 em cada um de nós! (LISBÔA, 1967)

Escrito em 1967, fala como o povo está se preparando para a “luta fundamental”. E a preparação dos jovens seriam não fazer mais uma atividade que antes faziam: agora eles não se “consomem no amor”. Além de atribuir um comportamento aos jovens, atribui a negativa deste comportamento aos jovens comprometidos com a revolução. É possível perceber semelhanças com alguns testemunhos, onde as contradições das múltiplas experiências de vida aparecem com mais cores. Em sua entrevista, Derlei Catarina de Luca, militante da AP em sua juventude, comenta que:

Nós líamos muito as poesias do Ho Chi Minh, eram lindas as poesias de Ho Chi Minh. Nós não gostávamos muito. Quer dizer era contraditório. Nós gostávamos em função do que ele dizia em função da luta, mas olhávamos meio de esguelha em relação ao que ele falava do comportamento pessoal. Porque assim, o Ho Chi Minh dizia assim: Se você é casado, se você é solteiro não case nem namore. Se você é casado não tenha filhos, se você tiver filhos,

tem que decidir o que é prioridade. Então nós éramos militantes sabe, mas nós também tínhamos 20 anos. Então aquilo era muito duro! As poesias eram bonitas, mas era duro. Não namorar, cara, é mal não é? (LUCA, 2008).

Esse depoimento demonstra as relações contraditórias entre as diferentes ideias de juventude que apareciam nesse momento, assim como os textos da ALN demonstram as diferenças entre papéis que a juventude pode ter. As diferenças possíveis entre o “viver jovem” e as demandas da revolução são dessa forma contrastadas de maneira mais clara. Pensando nesses diferentes discursos, é possível perceber as construções de diferentes papéis para as/os jovens que militaram nestes grupos de esquerda, tanto em relação a importância da juventude para a revolução que o partido viria a conduzir, quanto para a formação de sujeitos que se identificavam enquanto jovens e enquanto revolucionários.

Através desses apontamentos iniciais acredito ser possível perceber como certas ideias de juventude são mobilizadas e construídas por grupos e pessoas. De forma tanto a positivar essas características tidas como inatas às/aos jovens, como desprendimento, pró-atividade, radicalidade, quanto para controlá-las em prol do bem maior: a revolução. É neste jogo de múltiplas forças que pessoas jovens se construíram enquanto jovens rebeldes e revolucionários.

## **Bibliografia**

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares; WEIS, Luiz. Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ, Lilian. *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ARAÚJO, Maria Paula. *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

BRITTO, Sulamita de (Org.). *Sociologia da juventude IV: os movimentos juvenis*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

\_\_\_\_\_. *Sociologia da juventude, II: para uma sociologia diferencial*. Rio de Janeiro:

Zahar Editores, 1968.

CAMPOS, Cynthia Machado. Jovens na ditadura e pós-ditadura militar brasileira: escritas em ciências humanas. *História Revista*, Goiânia, v. 18, n. 2, jul./dez. 2013.

CARVALHO, Luiz Maklouf de. *Mulheres que foram à luta armada*. São Paulo: Globo, 1998.

FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Orgs.). *Revolução e democracia: 1964-....* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (Coleção As Esquerdas no Brasil, 3).

FICO, Carlos; et all. *Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

GUEVARA, Ernesto Che. Fragmento del discurso de Ernesto Che Guevara en el acto de conmemoración del II Aniversario de la integración de las Organizaciones Juveniles. Havana: 20 de outubro de 1962.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LISBÔA, Luiz Eurico Tejera. Condições ideais para o amor: poemas, manifestos e correspondências de um poeta-guerrilheiro. Porto Alegre: Sulina, 2<sup>a</sup> ed., 1999.

LÖWY, Michel. *O pensamento de Che Guevara*. São Paulo: Expressão Popular, 1969.

LUCA, Derlei Catarina de. Entrevista concedida a Sérgio Luis Schlatter Junior. Criciúma. 22/04/2008. Acervo do LEGH/UFSC.

MARIGHELLA, Carlos. Mini-Manual do Guerrilheiro urbano. Jun. 1969

PASSERINI, Luisa. A juventude, metáfora da mudança social: dois debates sobre os jovens – a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Caude (Orgs). *História dos jovens 2: a época contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

REIS, Daniel Aarão; SÁ, Jair Ferreira de. *Imagens da Revolução: documentos políticos das organizações clandestinas de esquerda dos anos 1961 a 1971*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.

REIS, Daniel Aarão; SÁ, Jair Ferreira de. *Imagens da Revolução: documentos políticos das organizações clandestinas de esquerda dos anos 1961 a 1971*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.

RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: UNESP, 1993.

SOUSA, Janice Tirelli de; GROPPPO, Luís Antonio (Org.). *Dilemas e contestações das juventudes no Brasil e no mundo*. Florianópolis: UFSC, 2011.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte. *Reinvenções da utopia: a militância política de jovens nos anos 90*. São Paulo: Hacker Editores, 1999.